

ilos
re
til
Educação
Estadual

Crise de idéias

25 JUN 1986

JORNAL DE BRASÍLIA

Estamos a cerca de quatro meses e meio da mais importante disputa eleitoral dos últimos trinta anos, aquela que vai definir os responsáveis pela elaboração de uma nova Constituição. Não se percebe, junto à comunidade política e a outros setores da sociedade, o empenho e o interesse que o momento exige e merece.

E bom lembrar que não é todo dia que se elege uma Assembléia Constituinte, o que impõe limites e deveres aos que se julgam aptos ao desempenho de tão relevantes tarefas. Não se trata de uma eleição comum, onde o proselitismo político almeja apenas a conquista de votos, num trabalho de garimpagem eleitoral. Espera-se mais dos que reivindicam um lugar entre esses legisladores especiais.

Quando se imagina o vulto do trabalho a ser desenvolvido no futuro Congresso, é lícito imaginar-se que um amplo debate sobre a Constituinte seja aberto a nível nacional, com a participação de todos os segmentos que compõem a comunidade, a partir de um estudo sério e aplicado das aspirações populares, sem distanciamento dos reais interesses do País. Não é o que ocorre. A chamada comissão dos notáveis esbarra na indiferença da classe política que, por sua vez, exime-se da responsabilidade que lhe é

intrínseca: a de refletir esse debate, oferecendo sugestões e abrindo os caminhos para um entendimento sobre os pontos mais polêmicos.

As eleições de novembro ficaram resumidas a um jogo de interesses regionais e partidários, com as lideranças mais preocupadas em fazer governadores e arranjos que lhes permitam sobreviver no árido campo das idéias. Na verdade, vivemos uma crise de idéias.

Poucos se deram conta de que acima dessas conveniências distritais está o grande objetivo que sedimenta as esperanças dos brasileiros. Seria lamentável que esta eleição, apesar de sua magnitude e de suas características fosse vista pelos candidatos como uma eleição comum.

Cabe aos partidos políticos uma tomada de posição, tempestiva e transparente, no sentido de fazer de seus programas a bandeira de todas as campanhas. É indispensável que tornem público o que pensam a respeito das questões básicas que vão marcar os debates da Constituinte. É imperioso que digam com clareza o que esperam e o que pretendem, para que o eleitor, conscientemente, possa escolher de forma seletiva os nomes e as siglas que melhor se ajustem aos seus anseios.